



Automedicação e Seus Malefícios a Saúde

Autor(res)

Francis Fregonesi Brinholi

Leandro Henrique Silva De Amorim

Categoria do Trabalho

TCC

Instituição

UNOPAR / ANHANGUERA - PIZA

Introdução

Ter acesso à assistência médica e a medicamentos não implica necessariamente em melhores condições de saúde ou qualidade de vida, pois os maus hábitos prescritivos, as falhas na dispensação, a automedicação inadequada pode levar a tratamentos ineficazes e pouco seguros. No entanto, é evidente que a possibilidade de receber o tratamento adequado, conforme e quando necessário, reduz a incidência de agravos à saúde, bem como a mortalidade para muitas doenças (ARRAIS et. al, 2005).

O amplo uso de medicamentos sem orientação médica, quase sempre acompanhado do desconhecimento dos malefícios que pode causar, é apontado como uma das causas de estes constituírem os principais agentes tóxicos responsáveis pelas intoxicações humanas registradas no país (LESSA; BOCHNER, 2008).

O acúmulo de medicamentos nas residências, constituindo, por vezes, um verdadeiro arsenal terapêutico, é também fator de risco. Além do risco de intoxicações por ingestão acidental, a falta de cuidados com a farmácia caseira pode afetar a eficiência e a segurança no uso de medicamentos de diversas maneiras (FERREIRA ET AL., 2005).

Objetivo

Este trabalho de pesquisa busca analisar, demonstrar e discutir o que leva a automedicação e os malefícios gerados a saúde, causadas por intoxicações medicamentosas devido ao seu uso irracional, bem como esse ato influencia na saúde-bem estar do paciente.

Material e Métodos

A metodologia utilizada na confecção do trabalho foi a revisão de literatura, com pesquisa em bases bibliográficas, tendo como fontes de pesquisas uma variedade literária pertinente ao assunto abordado, tais como: livros, artigos acadêmicos em bases de dados bibliográficos – PubMed, Lilacs, Scielo, Google Acadêmico entre outros. As palavras chaves utilizadas em português foram: automedicação, uso racional e intoxicações. A pesquisa varia entre os anos de 1985, somente com a definição de uso racional de medicamentos na conferência em Nairób; e entre 1998 a 2020.

Resultados e Discussão

A automedicação como uso irracional inclui o uso de medicamentos sem prescrição médica, encaminhamento





III Mostra

de Trabalhos de Conclusão de Curso

BIOMEDICINA E FARMÁCIA 2024

e/ou acompanhamento por médico ou dentista; essa definição difere da noção de automedicação responsável, que define o uso de medicamentos não prescritos, porém, sob a direção e controle do farmacêutico que favorecerá a conduta racional para o uso de medicamentos. Cabe destacar que cerca de 120 milhões dos 160 milhões de brasileiros não possuem plano de saúde, então essa prática contribui para diminuir o uso desnecessária dos serviços de saúde. (EDITORIAL, 2001).

A crença de que o medicamento simboliza a “saúde” influencia as pessoas à prática da automedicação, porém, o risco encontra-se inerente a esse processo. Nenhuma substância medicamentosa é inócua ao organismo, havendo para todas elas contraindicações e reações adversas, sendo o medicamento utilizado na forma correta ou de forma negligente, o que é outro fator agravante (SILVA, 2011).

São inúmeros os riscos que a automedicação consegue provocar ao organismo de uma pessoa. Todo medicamento possui copiosos efeitos colaterais, quando usados de maneira irracional são capazes de causar muitos danos e poucas vantagens ocasionando em intoxicação, interação medicamentosa, alívio dos sintomas mascarando o diagnóstico de uma doença, reação alérgica, dependência, resistência ao medicamento, armazenamento incorreto dos medicamentos fazendo com que a pessoa confunda os medicamentos, ingestão de substâncias após sua data de validade e ineficácia no tratamento devido ao mau armazenamento (MATOS, 2018).

A manifestação clínica da intoxicação medicamentosa é classificada de acordo com o grau da intoxicação que cada medicamento possui podendo causar uma intoxicação leve, moderada e grave. A manifestação clínica leve de uma intoxicação medicamentosa apresenta 60,9% de predomínio, determinada pela presença superficial de sinais e sintomas, a moderada mostra 19,3% com sintomas mais intensos e a grave manifestando 9,3% causando uma grande ameaça à saúde e a vida dos pacientes podendo levar ao óbito sucedendo em 1,2% dos casos. Dentre a classe dos medicamentos usados nas intoxicações medicamentosas, os principais fármacos como analgésicos, antidepressivos dentre outros, desenvolveram quadros agudos e crônicos com alto potencial de óbitos (BAIOCCO et al., 2020).

A maioria das intoxicações medicamentosas é causada por uma superdosagem, ou seja, utilizar o medicamento em algumas das vias de administração com uma dose exagerada ultrapassando a dose recomendada ou a dose diária. O tratamento de uma intoxicação medicamentosa depende muito do medicamento causador da intoxicação depois de descobrir qual foi o medicamento que provocou a toxicidade se inicia o processo de tratar os sintomas e sinais apresentados pela intoxicação. Primeiramente é necessário realizar uma avaliação clínica da condição do paciente intoxicado e fazer a estabilização do mesmo, identificar o agente tóxico que causou a intoxicação, exercer a descontaminação dele com uso de antídotos específicos que neutraliza os efeitos de uma substância tóxicas, medicamentos, aumentar a excreção do tóxico absorvido e assim direcionar o paciente ao tratamento correto (NÓBREGA et al., 2015).

A Organização Mundial de Saúde diz que: “Há uso racional de medicamentos quando pacientes recebem medicamentos apropriados para suas condições clínicas, em doses adequadas às suas necessidades individuais, por um período adequado e ao menor custo para si e para a comunidade.” (OMS, 1985). Assim, é importante que o medicamento seja prescrito corretamente, na forma farmacêutica, doses e período de duração do tratamento; que esteja disponível de modo apropriado, a um preço acessível, que os critérios de qualidade sejam exigidos; que se dispense em condições adequadas, com a orientação e responsabilidade; que se cumpra a terapia já prescrita, da melhor maneira possível. Conceito semelhante também é proposto pela Política Nacional de Medicamentos (BRASIL, 2001).

Conclusão

A automedicação apesar de trazer uma solução previamente rápida a enfermidade do paciente e economia de





tempo de quem realiza o ato, pode gerar muitos malefícios há saúde sendo grande maioria das vezes mais prejudicial do que benéfica, podendo mascarar doenças, criar resistência medicamentosa e gerar intoxicações que podem até levar a óbito, sendo a automedicação um dos principais fatores de intoxicação do mundo.

Sendo assim, se focarmos sobre este tema a partir deste momento, talvez para uma próxima geração cheguemos a uma conscientização ao uso racional de medicamentos, diminuindo assim os problemas gerados devido esse uso desenfreado da automedicação, realizando o nosso papel na promoção da saúde.

Referências

ARRAIS, Paulo Sergio Dourado; BRITO, Luciara Leite; BARRETO, Mauricio Lima; COELHO, Helena Lustecia L. Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.21, n.6, p.1737-1746, nov./dez. 2005. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/csp/a/ZPk5Z5K4P8Cctkx6P3LZT4N/?lang=pt> > Acesso em: Janeiro de 2024.

BAIOCCO, Graziela Gasparotto; et al. Perfil dos pacientes com intoxicação medicamentosa atendidos na unidade de emergência de um hospital universitário. Estácio Saúde, vol. 9, n. 2, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de medicamentos. Brasília. Ministério da Saúde; 2001. Disponível em: < https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_medicamentos.pdf > Acesso em: Fevereiro de 2024.

EDITORIAL. Automedicação. Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v.47, n.4, p.269-270, out./dez. 2001 <<https://www.scielo.br/j/ramb/a/TnxgvK9rywfMjXqYnHVdf6L/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: Março de 2024.

FERREIRA, Weverson Alves, SILVA Maria Elizabeth Souza Totti, PAULA Ana Cardoso Clemente Filha Ferreira, RESENDE, Christianne Assis Muniz Broilo, Avaliação de Farmácia Caseira no Município de Divinópolis (MG) por Estudantes do Curso de Farmácia da Unifenas. Rev. Infarma, v.17, nº 7/9, 2005. Disponível em: < <https://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=267&path%5B%5D=256> > Acesso em janeiro de 2024.

LESSA, Marise de Araújo; BOCHNER, Rosany. Análise das internações hospitalares de crianças menores de um ano relacionadas a intoxicação e efeitos adversos de medicamentos no Brasil. Revista Bras. Epidemiol, v.11, n.4, p. 660 – 674, 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/fHmWcKbcqW4ZFj3y5bbfzmn/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: Janeiro de 2024.

MATOS, Januaria Fonseca; Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. Cad. Saúde Colet., Rio de Janeiro, 26 (1): 76-83, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/65DK5G5dCrhCsWJZgWXBsmF/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: Março 2024.

NÓBREGA, Hayanne Oliveira da Silva; et al. Intoxicações por medicamentos: uma revisão sistemática com abordagem nas síndromes tóxicas. Revista saúde e ciência Online, 4 (2): 109-119, 2015. Disponível em: < <https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/index.php/rsc/article/view/256/253> > Acesso em: Março de 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Conferência Mundial sobre Uso Racional de Medicamentos. Nairobi, 1985. Disponível em: < https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/EB115/B115_40-en.pdf > Acesso em janeiro de 2024.

SILVA, Ilane Magalhães, CATRIB, Ana Maria Fontenelle, MATOS, Vania Catrine, GONDIM, Ana Paula Soares. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. Ciências & Saúde Coletiva 2011;16 (Suppl 1) : 1651 - 60. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/csc/a/KLGqF7XcJ4vwLx8jYv9dkFN/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: Março de 2024.

